

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Camila Barbosa Resende

**A ACOLHIDA DO ESTRANGEIRO NO FILME FRANCÊS
“BEM-VINDO À MARLY-GOMONT”**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Humberto Fois-Braga.

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **CAMILA BARBOSA RESENDE**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201472095A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A ACOLHIDA DO ESTRANGEIRO NO FILME FRANCÊS “BEM-VINDO À MARLY-GOMONT”**, desenvolvido durante o período de 04 de abril de 2017 a 03 de julho de 2017 sob a orientação de HUBERTO FOIS-BRAGA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

CAMILA BARBOSA RESENDE

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

A ACOLHIDA DO ESTRANGEIRO NO FILME FRANCÊS “BEM-VINDO À MARLY-GOMONT”

Camila Barbosa Resende¹

RESUMO

O trabalho a seguir apresenta uma investigação sobre as problemáticas que perpassam a aceitação e a recusa da alteridade. Para tal, partimos de uma pesquisa sobre o que significa ser estrangeiro e suas categorias, passando pela contextualização dos atuais fluxos de deslocamento que tiveram início no período pós-colonial, enfatizando o cenário político francês e seus posicionamentos no que diz respeito a imigrantes e refugiados, até chegarmos à possibilidade acolhimento do *outro* através do convívio. Realizamos uma análise crítica do filme “Bem-vindo à Marly-Gomont” a fim de compará-lo com os conceitos apresentados e ao mesmo tempo, para entendermos como o mesmo constrói um discurso sobre a acolhida do estrangeiro que ressoa no atual contexto francês de políticas migratórias. O que fundamenta o presente estudo é a necessidade de abordar um fenômeno cada vez mais crescente, que é o deslocamento global humano, e que carece de urgentes reformas em suas políticas públicas para que sejam capazes de atender às necessidades deste contingente.

PALAVRAS-CHAVE: Estrangeiro. Hospitalidade. França. Bem-vindo à Marly-Gomont.

1. INTRODUÇÃO

Diante do atual cenário de imigração global e do crescente contingente de imigrantes e refugiados, há uma necessidade cada vez maior de colocar em pauta a questão do estrangeiro e, mais precisamente, dos refugiados. Segundo o ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, de acordo com a Convenção da ONU de 1951, relativa ao Estatuto dos Refugiados, “são refugiados as pessoas que se encontram fora do seu país por causa de fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou participação em grupos sociais, e que não possa (ou não queira) voltar para casa” (ACNUR, s/d). Sendo assim, podemos listar as seguintes categorias de refugiados: políticos, de guerras, religiosos, étnicos e o mais recente, o refugiado ambiental.

O seguinte trabalho retrata como as pessoas, em seus locais de privilégios, se recusam a ajudar ou a simplesmente aceitar as demais que se encontram em situação de vulnerabilidade, seja pelo seu país de origem, pela cor de sua pele, pela sua crença religiosa ou pelos mais diversos motivos. Dito isso, o objetivo do presente artigo se baseia em analisar a figura do estrangeiro e o atual contexto de imigração, com uma maior ênfase na questão dos refugiados na França, e também a problemática da aceitação do estrangeiro com base na interpretação do filme “Bem-Vindo à Marly-Gomont”.

“Bem-vindo à Marly-Gomont”, um filme francês inspirado em fatos reais, que estreou em outubro de 2016, foi dirigido por Julien Rambaldi e no qual podemos observar como a população de um país democrata e sem conflitos políticos, que é o caso da França, se recusou diversas vezes a acolher um médico que aceitou trabalhar em Marly-Gomont para fugir do regime ditatorial que estava instaurado em seu país, somente pelo fato do mesmo ser congolês.

Para realizar tal desdobramento, partimos da seguinte questão “Como o filme ‘Bem-vindo à Marly-Gomont’ constrói um discurso sobre a acolhida do estrangeiro ressonando o atual contexto francês de imigração”. Como o filme se passa em uma pequena vila francesa, o diretor do filme reflete na população de Marly-Gomont a política de imigração do país de uma forma caricata, pode-se dizer que exagerada, porém o faz com bastante irreverência. No decorrer da trama, é possível observar a pergunta feita anteriormente ser respondida e perceber como se dá a acolhida do estrangeiro na sociedade contemporânea.

O presente artigo se justifica, pois aborda um tema atual e que necessita de atenção tanto da população, quanto dos governantes. São alarmantes os dados de pessoas que se arriscam e que perdem a vida nas regiões fronteiriças do planeta ao tentar buscar refúgio em outro país. Essa triste realidade ocorre, primeiramente porque não há uma intervenção da ONU e/ou dos países considerados de primeiro mundo a fim

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: camilabarbosaresende@yahoo.com.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dr. Humberto Fois-Braga.

de solucionar conflitos e fazer com que se prevaleça os direitos humanos nos demais países, e assim cortando pela raiz os motivos que levam esse contingente de pessoas a pedirem asilo. A segunda razão se baseia no fato de não existirem políticas públicas suficientes que conscientizem a população a aceitar e tratar como semelhante todos os imigrantes e, principalmente, os refugiados, o que origina reações xenofóbicas.

O objetivo do primeiro capítulo deste trabalho é analisar de forma abrangente a figura do estrangeiro enquanto sujeito das novas formas de mobilidade. O que significa ser um estrangeiro? Quais as quatro categorias de estrangeiro? Quais as classificações de imigrantes e refugiados? No decorrer do capítulo, todas essas e outras perguntas serão respondidas, para por fim, podermos entender os motivos que levam tantas pessoas a pedirem por hospitalidade.

No segundo capítulo contextualizaremos o estrangeiro na contemporaneidade a partir do período pós-colonial. Examinaremos as novas configurações de deslocamentos e o atual contexto global de imigração, principalmente o francês, no que diz respeito aos recentes atentados de cunho religioso, a situação dos campos de refugiados e atitudes xenofobas. Analisaremos ainda quais países possuem as melhores políticas públicas para imigrantes e refugiados e quais as posições da França, que é considerada por muitos como o “país do amor”.

Já no terceiro e último capítulo associaremos os conceitos apresentados anteriormente com o filme em questão. Visto que o personagem principal, Seyolo, é um refugiado político que buscava não só por hospitalidade, mas também uma forma digna de sobreviver longe da ditadura instaurada em seu país de origem. No país de destino, Seyolo e sua família sofrem com diversas atitudes xenofobas, algumas, inclusive, vindas de políticos como o candidato à prefeitura da cidade, o que demonstra em uma pequena e fictícia escala, o que ocorre na realidade francesa, além da falta de políticas públicas e intervenção dos Estados no que refere aos refugiados e imigrantes. Por fim, demonstraremos como, pelo menos na trama, há a possibilidade de aceitação da alteridade através da convivência, abdicação dos preconceitos e pré-julgamentos e conscientização de que a humanidade que nos une é maior que a linha territorial imaginária que nos separa.

Para elaboração do presente artigo, a metodologia utilizada foi a leitura crítica do filme a partir da análise de categorias.

1. O ESTRANGEIRO QUE PEDE POR HOSPITALIDADE

O fluxo internacional global não teve início no século XX, muito menos com o advento da modernidade, os movimentos migratórios estão presentes na sociedade desde os primórdios. Entretanto, têm aumentado significativamente de contingente a partir da década de 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial e mais ainda, desde as décadas de 1970 e 1980, que foram marcadas pela inauguração da “Era da Globalização”, caracterizada por crises globais, alto desenvolvimento industrial europeu, desenvolvimento dos países de terceiro mundo, novas configurações políticas e econômicas, que resultaram em alterações nos fluxos migratórios e em políticas de imigração e de controle de fronteiras (AMADOR, 2006; BARBOBOSA, 2010).

A partir de então, surge o paradigma das mobilidades contemporâneas, fenômeno social complexo que abarca não só as esferas econômicas, corporais e físicas, como também as dimensões culturais, individuais, imaginárias, e espaciais:

O conceito de mobilidades engloba tanto os movimentos em grande escala de pessoas, objetos, capital e informação em todo o mundo, bem como os processos mais locais de transporte diário, o movimento através do espaço público e as viagens de coisas materiais na vida cotidiana. Questões de movimento, de muito ou pouco movimento, ou do tipo errado ou na hora errada, são fundamentais para muitas vidas, organizações e governos. (HANNAN *et al*, 2006, p. 01 *apud* FOIS-BRAGA, 2017, p. 122)

No que tange o fluxo de pessoas, é possível identificar o estrangeiro como sendo o arquétipo da mobilidade, o sujeito que está em trânsito, em ‘suspensão’. Segundo Barbosa (2010, p.18), o estrangeiro seria “o grande tema da sociabilidade contemporânea, operando no limite, como metáfora do deslocamento do sujeito universal”. Para Bourdieu (1998), o estrangeiro é sem lugar e deslocado, situa-se em um lugar “bastardo”, é a fronteira entre o ser e o não-ser social. É incongruente, inclassificável e importuno, e por isso, suscita o embaraço. É incômodo em todos os lugares, tanto em sua sociedade de origem, quanto na receptora.

Tal falta de pertença do estrangeiro foi denominada por Fois-Braga (2017) de “corpo lá(r)” do viajante, considerado pelo autor como uma metáfora da contemporaneidade, na qual o corpo do viajante seria uma ‘casa-móvel’ que realiza um movimento pendular entre o lar e o lá:

O corpo lá(r) seria a tensão dualística do trânsito registrada na mente, espírito, físico e linguagem do viajante; ou seja, esta prática de arquivar em si as poéticas e políticas da mobilidade, os rastros dos diversos lares construídos em trânsitos provisórios ou permanentes, precários ou ostentatórios. Com isso, seu corpo lá(r), local limítrofe de inscrição e escrita da mobilidade, é o lugar do reconhecimento e do estranhamento, é o inquietante familiar - o *unheimlich* freudiano. (FOIS-BRAGA, 2017, p.149)

Tais poéticas e políticas da mobilidade, citadas por Fois-Braga, presentes no conceito de corpo lá(r) do estrangeiro serão analisadas no capítulo final ao serem identificadas no filme “Bem-vindo à Marly-Gomont”.

Diante do exposto, é possível identificar quatro diferentes categorias de estrangeiro: o turista, o refugiado, o imigrante e o exilado. Conforme a definição da OMT, Organização Mundial do Turismo, o turismo:

compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadias em lugares diferentes de seu entorno habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano, tendo em vista lazer, negócios ou outros motivos não relacionados ao exercício de uma atividade remunerada no lugar visitado. (OMT, 2001, p. 5)

Portanto, diferentemente das demais categorias que serão apresentadas, o turista não pretende estabelecer moradia nem exercer atividade remunerada no local, sendo assim, no final de um determinado período de tempo retornará para sua residência.

De acordo com Barreto (2004), no período pós-guerra, esperava-se que o turismo de massa, promovesse um intercâmbio cultural global, propagando a consciência da alteridade, o que resultaria na paz mundial. Seria “o primeiro instrumento da compreensão entre os povos [que] permite o encontro de seres humanos [...] os reúne [...] constitui um dos principais fatores de aproximação entre os povos e, consequentemente, da manutenção de relações pacíficas” (KRIPPENDORF, 2001, p. 82 *apud* BARRETO, 2004, p. 134). Entretanto “a ideia de que este fenômeno favorece a paz e a amizade entre os povos [é] um mito contemporâneo” (CRICK, 1992, p. 361 *apud* BARRETO, 2004, p. 134).

Barreto (2004, p. 134) ainda constata que “no turismo, velhos problemas que acompanham a história social da humanidade, como o colonialismo e a xenofobia, e que as relações interpessoais acabam seguindo a lógica mercantil, ou seja, são comercializadas como bem de consumo”, características essas, que também podem ser encontradas nas demais categorias de estrangeiro como veremos na sequência.

Diferentemente do turista, o imigrante busca outro país, muitas vezes por tempo indeterminado, com o intuito de exercer uma atividade remunerada, a fim de juntar certa quantia de recursos financeiros, tanto para si quanto para enviar aos familiares que ficaram para trás e muitas vezes não possuindo intenções de voltar a seu país de origem. A categoria de imigrante, para Barbosa (2010, p. 23), “é ampla e sujeita a interpretações distintas. Ao referir-se a alguém como ‘imigrante’ pode-se estar incorrendo na reprodução de discursos estabelecidos para categorizar a dicotomia ‘eu’/‘ele’”. Um “eu” possuidor de uma determinada cultura, percebida como superior, e um “ele” sempre julgado como inferior. Como podemos observar em Almeida (2007 *apud* BARBOSA, 2010, p. 23), “estes ‘estrangeiros’ não aceitos podem ser identificados como pessoas distintas pela cultura o que as tornam ‘atrasadas e não dignas de confiança’”. Isso porque, seguindo uma lógica nacionalista, o normal seria que cada população residisse em seu Estado-nação de origem, e que a cultura seria algo imutável e impossível de se realizar um intercâmbio.

Sayad (1998) aborda a conceitualização de imigrante, onde se pode concluir que o mesmo demanda do país que o recebe, uma infinidade de condições jurídicas, sociais, civis e até econômicas para seu reconhecimento e acolhida.

“estrangeiro” é a definição jurídica de um estatuto, imigrante é antes de tudo uma condição social. (...) Mas, para além do critério social que faz do estrangeiro um imigrante, existem apenas, até as fronteiras e apenas para a linguagem oficial que é a linguagem do direito, estrangeiros (de direito) e todo imigrante é, de direito, um estrangeiro; é assim que começa, aliás, todo o itinerário do imigrante. Portanto, não é à toa que toda legislação relativa à entrada em território nacional é na verdade e necessariamente uma legislação que, sem dizê-lo explicitamente, é também relativa – quando não exclusivamente - à imigração; e inversamente, toda legislação relativa à imigração deve primeiro tratar da admissão de estrangeiros em território nacional. (SAYAD, 1998, p. 243)

Existem duas formas de entrada de imigrantes em um país, a legal e a clandestina, dessa forma, presume-se que “a vivência do imigrante e do estrangeiro sempre esteve atravessada pela presença de papéis: vistos, certidões, assinaturas, autorizações, questionários” (CHIARELLI *et al* 2016, p. 07 *apud* FOIS-BRAGA, 2017, p. 152), ou ausência dos mesmos, no caso dos imigrantes ilegais. Fois-Braga (2017, p. 125) ainda complementa que “o passaporte e/ou a carteira de identidade são símbolos daqueles que são obrigados a provarem sua existência legal e, principalmente, seu direito de estar naquele local almejado”.

Por fim, Sayad (1998) aponta como é possível solucionar o estranhamento e choque cultural causados pela imigração, através da acolhida do imigrante:

E na medida em que os contatos do imigrante com a sociedade que o agrega a si se prolongam, se ampliam e se intensificam, ou seja, na medida em que o imigrante sai da esfera em que o restringem tradicionalmente o estatuto e a condição que lhe são atribuídos na medida em que vai ganhando novos espaços (alguns deles inéditos, como o espaço político) todo o fenômeno da imigração ganha em extensão e em compreensão. (SAYAD, 1998, p. 14)

O estrangeiro que se encontra em lugar de maior destaque na sociedade atual, demandando gigantesca atenção e recursos, ocasionando em alterações geopolíticas em todo o planeta e movimentando um enorme contingente de pessoas, é o refugiado. Inclusive, é em tal categoria que se enquadra o personagem principal da trama em análise, “Bem-Vindo à Marly-Gomont”, Seyolo, que é um refugiado político fugindo do regime ditatorial instaurado em seu país de origem. O que o difere o refugiado das classificações supracitadas, é o fato de que o refugiado se vê obrigado imigrar, a fim de defender sua sobrevivência, de modo que sua definição está atrelada a graves e generalizadas violações dos direitos humanos.

O ser humano, em si, não possui nenhum direito atrelado a sua simples existência, todos os direitos lhe são concedidos ao tornar-se cidadão. Tal condição de cidadão é dada ao homem no momento imediato de seu nascimento, sendo assim, o caráter de cidadania está vinculado à nação, ao território de nascimento. Estado-nação, segundo Agamben (1998, p. 23) significa: “Estado que faz da natividade, do nascimento (isto é, da vida nua humana) o fundamento da própria soberania”. Ou seja, a partir do momento em que determinada pessoa não está mais dentro do limite geográfico ao qual pertence, perde todo e qualquer direito. Sendo assim, o refugiado é apenas um homem, e não um cidadão.

O conceito-limite que é a figura do refugiado representa o declínio do Estado-nação, colocando em crise seus princípios, que necessitam de uma renovação contemporânea imediata, visto que, não mais conseguem lidar com as questões de refugio. Resumidamente, o refugiado faz com que se enxergue o problema do direito da vida nua e demonstra como o sistema vigente é falho, além de colocar em crise a invenção originária da soberania. Em posse de todas essas informações, é possível enxergar o paradoxo gerado pela imigração no qual Agamben (1998, p. 22) fala, “o paradoxo é aquele em que a própria figura – o refugiado – que deveria encarnar por excelência os direitos do homem, marca, ao contrário, a crise radical desse conceito”.

Devido à ineficácia do Estado, surgiram diversos comitês internacionais e organizações humanitárias. A criação do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR, segundo Barbosa (2010), se deu pelo fato da nova configuração geopolítica necessitar de uma demanda de ações muito específicas. De acordo com Agamben (1998), o estatuto do ACNUR e demais organizações, não incluem atividades políticas, mas apenas caráter humanitário e social.

Ainda conforme Agamben (1998, p. 24), “ao passo em que é destruída a velha trindade Estado-Nação-Território, o refugiado, essa figura aparentemente marginal, merece ser, ao revés, considerado como figura central de nossa história política”, ou seja, a partir do momento em que o mundo se torna cada vez mais globalizado, o que se espera é que existam cada vez menos barreiras, entretanto não é o que ocorre. De acordo com Barbosa (2010, p. 39), “as fronteiras se abrem para o fluxo de capitais e mercadorias, mas a abertura é mais estreita em se tratando de migrantes”. O que demonstra que a globalização não está ao alcance de todos, mas sim, de poucos e corrobora com a afirmação de Bauman (2005, p. 84) de que os refugiados seriam “os *‘produtos rejeitados da globalização’*, enquanto *‘dejetos’*, esses seres humanos são indesejáveis à *‘elite do poder do mundo globalizado’* [...] seres esquivos, imprevisíveis, sem laço com lugar algum”.

É possível elencar cinco tipos de refugiados: políticos, de guerra, religiosos, étnicos e refugiados ambientais. Entretanto, o que difere é somente o motivo do deslocamento (perseguição política e de minorias, conflitos internos, guerras civis, perseguição religiosa e étnica, catástrofes ambientais e etc.), possuindo todos a

mesma causa, a ameaça à sobrevivência. Expandindo o conceito apresentado na introdução, para o ACNUR (s/d)

refugiados são pessoas que estão fora de seus países de origem por fundados temores de perseguição, conflito, violência ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e que, como resultado, necessitam de “proteção internacional”. As situações enfrentadas são frequentemente tão perigosas e intoleráveis que estas pessoas decidem cruzar as fronteiras nacionais para buscar segurança em outros países, sendo internacionalmente reconhecidos como “refugiados” e passando a ter acesso à assistência dos países, do ACNUR e de outras organizações relevantes. Eles são assim reconhecidos por ser extremamente perigoso retornar a seus países de origem e, portanto, precisam de refúgio em outro lugar. Essas são pessoas às quais a recusa de refúgio pode ter consequências potencialmente fatais à sua vida.

Contudo, algo que gera muita controvérsia é o fato da condição do refugiado ser considerado como algo provisório. Conforme Agamben (1998, p. 23) “o estatuto do refugiado fora sempre considerado, ainda que no melhor dos casos, como uma condição provisória que deve conduzir à naturalização ou à repatriação”, entretanto, para que o refugiado retorne ao seu país de origem, é necessário que as condições que o levaram a solicitar asilo, tenham sido solucionadas. Tal movimento de regresso ficou conhecido como *repatriação voluntária*, porém, na prática ele não é realizado nas corretas condições, como mostram vários estudos da ONU (s/d *apud* Barbosa, 2010, p. 28):

Embora considerado como a solução preferida para o problema dos refugiados, o repatriamento bem sucedido só pode ocorrer em um contexto de paz e estabilidade. Infelizmente, os movimentos de repatriamento em curso muitas vezes não acontecem em condições ideais no país de origem. Isso cria sérios problemas no que diz respeito à proteção dos refugiados. [...] Além disso, os refugiados que voltam para casa sem assistência tendem a desenvolver a sensação de que não estão devidamente preparados para proverem as necessidades básicas para construir um novo futuro. [...] A grande maioria dos refugiados, no entanto, não faz parte dos movimentos de repatriamento organizado, mas voltam para casa por sua própria iniciativa. [...] Na sua ânsia de voltar para casa, alguns refugiados não esperam o clima político normalizar, mas se repatriam ao primeiro sinal de uma melhoria ou uma sugestão de uma possível flexibilização das hostilidades.

Entre as razões para tão apressado retorno, está a saudade de sua terra e familiares que ficaram para trás, e as dificuldades encontradas no país de origem, como barreiras culturais e preconceitos.

Por fim, há a categoria dos exilados, indivíduos que são expulsos e perseguidos pelo governo de seu país e são obrigados a buscar asilo em outro. Para Said (2003, p. 47)

o exílio nos compele a pensar sobre ele, mas é terrível de vivenciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre um eu e seu verdadeiro lar. Sua tristeza essencial jamais pode ser superada [...] As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre.

O exílio gera um sentimento de permanente opressão e fuga, além de perda de identidade no exilado, de estranhamento para a sociedade receptora e dor para os familiares e amigos que são deixados para trás. Said (2003, p. 46) complementa que “o exílio é irremediavelmente secular e insuportavelmente histórico, é produzido por seres humanos para outros seres humanos, é uma condição criada para negar a dignidade e a identidade das pessoas. Nesse sentido o exílio não pode ser posto ao serviço do humanismo”.

Todavia, apesar de pontuais características que diferenciam as categorias de estrangeiro, é possível identificar que todos sofrem com as barreiras culturais e linguísticas que encontram no país de chegada, além de atitudes xenófobas e preconceitos que diversas vezes não são velados. Como diz Agamben (1998, p. 25), “a assimilação substancial em presença de diferenças formais exaspera o ódio e a intolerância, crescem as reações xenófobas e a mobilização defensiva”.

2. O ESTRANGEIRO NA CONTEMPORANEIDADE

Agora que já há uma familiaridade com a figura do estrangeiro, é necessário entender o contexto global no qual ele se insere contemporaneamente. A grande parte dos atuais fluxos migratórios teve início no período colonial, de acordo com Barbosa (2010) a questão das migrações involuntárias passou a ocupar a agenda internacional a partir do pós-guerra. Hall (2004) argumenta que os processos e práticas de globalização perturbam o caráter já estabelecido de muitas populações e culturas e ainda que tais movimentos coincidem com a modernidade e os processos de migração forçada que se tornou um fenômeno global pós-colonial.

No pós-guerra, segundo Moreira (2008), alguns países ocidentais passaram a adotar políticas de interesses econômicos e políticos ao receberem migrantes que fugiam de países socialistas do Leste europeu, com o intuito de preencher o mercado interno com mão de obra barata, além de desacreditar o regime comunista. Tal movimentação ficou conhecida como fluxo Norte – Norte, que era facilitada pela similaridade cultural entre os migrantes e as comunidades receptoras.

A crise do petróleo, que teve início nos anos 1970, a recessão econômica mundial (acentuada nas décadas seguintes), o fim da Guerra Fria e, principalmente, o processo de descolonização, culminaram na chegada de um contingente de imigrantes africanos, asiáticos e latinos na Europa, vindo de suas ex-colônias. O que resultou em um enorme choque cultural, intolerância, mudanças demográficas e na inversão do direcionamento do fluxo migratório mundial, que passou a ser Sul – Norte (MOREIRA, 2008).

Sendo assim, o europeu se viu obrigado a conviver cotidianamente com um *outro* que até então estava a uma distância segura e controlada, mas que passou a frequentar praças, ruas, mercados, escolas e igrejas europeias, além de disputar vagas de emprego e dividir as políticas públicas (MOURA, 2005). Foi então que as discussões sobre interculturalidade e multiculturalidade ganharam espaço e relevância e gerou a reconfiguração das ex-colônias, bom como das ex-metrópoles (BARBOSA, 2010).

A imigração passa a possuir novas características sociológicas, políticas e econômicas. Bhabha (2005 p. 26 *apud* BARBOSA, 2010, p.39) critica a pós-colonialidade, alegando que a mesma seria apenas um “salutar lembrete das relações ‘neocoloniais’ remanescentes no interior da ‘nova’ ordem mundial e da divisão de trabalho multinacional”. O que Bhabha quis dizer ao colocar “neocoloniais” e “nova” entre aspas, é que as relações, hierarquias e hegemonias presentes no período colonial continuam, elas apenas se reformularam e encontraram novas formas de exploração. Assim sendo, os países mais ricos, poderosos e influentes continuam sendo os mesmos, enquanto os países, pessoas e trabalhadores explorados, pobres e influenciados também continuam sendo os ex-colonos. Afinal, “a globalização é [...] um conjunto articulado de homogeneização e fragmentação do mundo, no qual as diferenças e desigualdades são reordenadas – mas não suprimidas”. (CANCLINI, 2007 *apud* BARBOSA, 2010, p. 42)

O que mudou, de fato, é que agora, os ex-colonos passam a buscar acolhida nas nações que antes estavam interessados em suas terras, seu povo e em suas riquezas. Entretanto, tais países não possuem intenções de receber esses indivíduos no seio de suas sociedades para que eles usufruam de seus benefícios. São inúmeros os exemplos que ilustram essa movimentação, de países que hoje protagonizam guerras civis, conflitos armados, fome, miséria e fanatismo religioso, obrigando milhões de pessoas a buscarem asilo, nas terras de seus ex-colonizadores, como: Síria, Líbano, Argélia e Congo que já foram colônias francesas e Palestina, Jordânia, Iraque, Índia e Nigéria que foram colônias britânicas. A revista National Geographic (2016, p. 24) exemplifica:

Argelinos vieram para a França quando sua terra era uma colônia francesa – a maior leva chegou durante a guerra pela independência (1954 – 1962). Desde os anos de 1990, cerca de 40 mil somalis fugiram da guerra civil rumo à Suécia. Indianos estão entre os 3 milhões de sul-asiáticos que foram de ex-colônias britânicas para a Grã-Bretanha. O mesmo número de turcos vive na Alemanha.

Ainda há a vantagem linguística, pois um império ao colonizar um território acaba impondo à população local seu idioma e a sua cultura. Assim, o emigrante ao procurar o país que o colonizou amortiza a maior barreira cultural de todas, que é a língua. É possível identificar tal fenômeno no filme Bem-Vindo à Marly-Gomont, visto que Seyolo emigra do Congo (antiga colônia francesa) para a França, como abordaremos posteriormente.

No que diz respeito ao cenário de imigração francês, já em 1915 existiam leis que eram desfavoráveis aos estrangeiros, segundo Agamben (1998), que permitiam a desnaturalização e desnacionalização dos cidadãos naturalizados de origem considerada inimiga. Derrida (1997 *apud* Montandon, 2011) posteriormente

aponta a lei francesa “Debré-Pasqua”, na qual era permitido perseguir e prender os indivíduos que ajudavam e acolhiam estrangeiros em situação ilegal, o que o autor denominou como *delito de hospitalidade*.

Ainda mais recente, dentre os 192 países membros das Nações Unidas, são raros os que estipulam quotas anuais de reassentamento de refugiados, além da aceitação dos que chegam espontaneamente às suas fronteiras. De acordo com o ACNUR (s/d)

estes são, nomeadamente: Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Chile, Dinamarca, EUA, Finlândia, Holanda, Irlanda, Islândia, Noruega, Nova Zelândia, Suécia e Suíça. Em breve, Paraguai e Uruguai iniciarão programas de reassentamento. Outros países consideram os pedidos de reassentamento apresentados pelo ACNUR caso a caso, normalmente com base no reagrupamento familiar ou em fortes laços culturais.

Como é possível observar, a França não elenca tal ranking, o que demonstra sua configuração política diante da questão dos refugiados. Em 2016, de acordo com o site alemão Deutsche Welle “o primeiro-ministro francês, Manuel Valls, afirmou que seu país ‘não é favorável’ a um mecanismo permanente de redistribuição de refugiados, como proposto pela chanceler federal alemã, Angela Merkel.” O site ainda declarou que o motivo para tal rigidez do governo, seria reflexo dos resultados obtidos pelas pesquisas de opinião, que mostraram um crescimento dos eleitores ultraconservadores e a rejeição dos mesmos, no que diz respeito a estrangeiros.

Em maio de 2015, o jornal Carta Capital, criticou o ideal francês de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, alegando que o mesmo “parece ter naufragado com sua recente política migratória”, após as reiterações de François Hollande, então presidente francês, a respeito de sua oposição ao sistema da União Europeia de quotas obrigatórias para repatriação de refugiados, das quais o político afirma que não aceitará imigrantes em hipótese alguma, visto que o país possui “regras relativas ao controle de fronteiras e às políticas de controle de imigração”. Ainda na mesma reportagem, o jornal traz uma entrevista de Marine Le Pen, que na época era candidata à presidência nas eleições de 2017, na qual a mesma afirma que “a França é soberana e a única solução é fechar as fronteiras para os imigrantes”. Ao ser questionada sobre o direito de asilo, principalmente de sírios, Le Pen rebate que “nove em dez dos sírios são fundamentalistas”.

A declaração supracitada de Le Pen traz à tona um dos principais motivos, senão o principal, para a recusa francesa de estrangeiros: a religião. No país há uma severa separação entre Estado e religião, conhecida como *secularismo francês* e de acordo com a revista National Geographic (2016, p.43) a grande maioria de pedidos de asilo na União Europeia, de países que não são europeus, são de países de origem muçumana como a Síria, Afeganistão, Iraque e Paquistão. Segundo o site BBC BRASIL (2016), “a França possui a maior comunidade muçulmana na Europa, estimada em cerca de 10% de sua população”, e para tentar cumprir com a laicidade do Estado, o governo já proibiu o uso do véu islâmico, outras vestimentas características e rezas em escolas e em espaços públicos.

A estigmatização global do povo islâmico se deu devido ao radicalismo religioso apresentado por certas vertentes, das quais alguns seguidores geraram e ainda geram conflitos e atentados na França. É possível identificar atentados que foram cometidos pelos filhos de estrangeiros que nasceram na França, franceses de origem muçulmana. De acordo com o site BBC BRASIL (2016) os atentados terroristas aumentaram na França após

o caso de Mohamed Merah, suspeito de ter matado quatro pessoas em uma escola judaica em março, em Toulouse, e três militares em outros ataques na região no mesmo período. Merah, *um francês de origem argelina* de 24 anos, foi morto no fim de março durante um amplo cerco policial à sua casa, que durou dois dias. Investigadores e especialistas afirmam que as pessoas presas no sábado têm o mesmo perfil de Merah: jovens, nascidos nos anos 80 ou 90, pequenos delinquentes, de classe social modesta e que se voltaram para o islamismo radical. “Merah rompeu uma barreira psicológica importante, a de franceses, nascidos na França, que atacam o país”. [grifo meu]

O que acarreta em problemas ainda maiores para o Estado e em um forte argumento para aqueles que são contra as políticas em prol dos refugiados e imigrantes. Afinal, o refugiado é mais simples de expulsar do que resolver o “problema” quando o atentado é promovido por um compatriota.

Diante tantas políticas de controle das fronteiras francesas, os refugiados que de fato conseguem entrar no país não encontram condições auspiciosas, conforme o site das Nações Unidas (2016) e reportagens do site BBC Brasil (2016) sobre o maior campo de refugiados da França, localizado na cidade de Calais que abrigava na época cerca de 6,5 mil pessoas e foi apelidado de “Jungle”, termo que em inglês significa “selva”. Calais está localizada na entrada do Eurotúnel e o intuito dos refugiados é cruzar o Canal da Mancha e chegar até a Grã-

Bretanha. Segundo Philippe Leclerc, representante do ACNUR na França, a maioria são sírios, eritreus, somalis e afegãos que vivem em tendas improvisadas no meio da lama.

Ainda de acordo com os sites, houve, por parte da prefeitura de Calais, um anúncio de despejo na região sul do campo, deixando cerca de 1,5 mil pessoas desabrigadas, o que acabou agravando a crise de refugiados em Paris. Visto que, devido ao desmonte do acampamento, aumentou em 1,5 mil e 2 mil o número de refugiados morando nas ruas do norte da capital francesa em acampamentos improvisados, aguardando para retornar à Calais quando a situação se acalmar. Muitos refugiados de Calais relatam sofrer violência por parte da polícia e de grupos xenófobos, além de manifestações anti-imigração (BBC BRASIL, 2016; NAÇÕES UNIDAS, 2016).

Consoante com o pensamento de Vieira (2001) de que a cultura na contemporaneidade seria considerada como a base para a solidariedade, muito mais que a identidade de classe, logo, como é possível esperar que povos de culturas e crenças diferentes convivam e se aceitem? É o objetivo do capítulo a seguir ao analisar o filme “Bem-vindo à Marly-Gomont” que foi produzido no referido contexto de política francesa representando uma crítica e um reflexo da sociedade.

3. A ACEITAÇÃO DA ALTERIDADE ATRAVÉS DO CONVÍVIO

Por fim, resta associar os conceitos e ideias apresentados com o filme “Bem-vindo à Marly-Gomont” e entender como o filme constrói todo um discurso sobre a acolhida do estrangeiro, ressonando o contexto atual de imigração francesa. Vale ressaltar que o filme foi baseado em fatos reais, e que Seyolo Zantoko e sua família realmente existiram.

Os personagens do filme, relevantes para a análise, são: Seyolo Zantoko (Marc Zinga) personagem central, médico graduado na França, porém de nacionalidade congoleza; Anne Zantoko (Aïssa Maïga) esposa de Seyolo, acostumada com grandes centros e em ter sua família por perto; Kamini (Bayron Lebli) filho mais novo do casal e sempre muito questionador; Sivi (Médina Diarra) filha mais velha e apaixonada por futebol; René Ramollu (Jean-Benoît Ugeux) o prefeito de Marly-Gomont que decidiu contratar Seyolo; Lavigneue (Jonathan Lambert) candidato a prefeito que é contra a presença dos estrangeiros na cidade; Jeannot (Rufus) o agricultor que emprega Seyolo e o ajuda diversas vezes a se integrar à comunidade e Sylvie (Emilie Rouhart) uma menina que se torna amiga de Kamini e tem sua doença de pele curada por Seyolo.

O filme tem início no ano de 1975, período pós-descolonização do Congo, que era uma colônia francesa até o ano de 1960 (PORTAL VERMELHO, 2013), e que possui como idioma oficial o francês, além de outros dialetos bantos, como por exemplo, o lingala (INFO ESCOLA, s/d). Sendo assim, um dos fatores que facilitou, ou até mesmo possibilitou que Seyolo estudasse na França, foi o fato de já saber falar a língua. Além disso, é possível identificar no deslocamento do personagem, o novo fluxo migratório que surgiu no período, um fluxo dos ex-colonos do sul, em sentido aos países ex-colonizadores do norte.

Logo após sua independência, o Congo sofreu um golpe de estado, no qual o general Joseph Mobutu instaurou uma ditadura no país por mais de 30 anos (INFO ESCOLA, s/d). No ano de 1975, quando Seyolo se graduou em medicina, recebeu a proposta de trabalhar para Mobutu como seu médico pessoal, entretanto, quando questionado por seus colegas se ele pretendia voltar para seu país, o personagem afirma que “Nunca! Por toda minha vida, vi aqueles que estão no poder explorarem o povo. Eu gostaria de ficar, mas preciso da nacionalidade francesa” (BEM-VINDO À MARLY-GOMONT, 2016, a partir de 02’ 47”). Portanto, devido a sua opinião política, Seyolo seria perseguido em seu país, visto que não aceitar trabalhar para o ditador colocaria em risco sua sobrevivência, o que o enquadra como um refugiado político, como já dito anteriormente, bem como sua família.

Como todo estrangeiro, Seyolo e sua família, conturbam a política do local, testam a tolerância da população e desafiam os conceitos de identidade cultural, como na cena de chegada dos personagens à Marly-Gomont, na qual um morador que observava a praça informa abismado para sua esposa: “Tem negros do outro lado da rua com o prefeito” (BEM-VINDO À MARLY-GOMONT, 2016, a partir de 9’ 40”) e tal esposa desacredita o seu marido, argumentando que tal fato seria um extremo absurdo. Além disso, na condição de refugiado, Seyolo representa um desafio para o Estado, no caso para o prefeito, de acolhê-lo e garantir seus direitos básicos.

Ao longo da trama, é possível identificar atitudes xenófobas por parte de Lavigne, então candidato a prefeito, que desaprova a presença dos estrangeiros em sua cidade. Ele expressa verbalmente que Seyolo deveria voltar para seu país de origem, difama sua imagem espalhando falsos boatos a seu respeito e o persegue a ponto de causar sua prisão e a cassação de sua licença médica. É passível a comparação com o

contexto contemporâneo de imigração francesa, levando em consideração os políticos e declarações citadas no capítulo anterior, principalmente com Marine Le Pen, que no ano de lançamento do filme, estava concorrendo às eleições e também era contra qualquer fluxo migratório.

Expandindo a definição apresentada de Fois-Braga (2017) sobre o corpo lá(r) do viajante, no que tange às políticas e poéticas da mobilidade que recaem sobre o estrangeiro, foi possível identificar seus conceitos ao longo da trama. Dentro das políticas da mobilidade “temos os termos dinheiro-bagagem-transporte-documentação que são situações pragmáticas que perpassam o deslocamento e que materializam uma política da mobilidade” (FOIS-BRAGA, 2017, p. 150), na qual o estrangeiro acaba sendo obrigado a obedecer uma exterioridade que impõe diversos obstáculos, limites e formas de comportamento.

Os personagens chegam a Marly-Gomont sem quantias consideráveis de dinheiro, o que sustentará a família será o emprego que Seyolo conseguiu como médico da cidade. A família chega à cidade de ônibus, mas precisam percorrer uma grande distância a pé, entretanto, podemos incluir dentro da categoria de transporte os meios de comunicação. O que eles trazem como bagagem são malas e mais malas contendo roupas coloridas, objetos de decoração e músicas que remetem à África. Por fim, o que motivou Seyolo a trabalhar em Marly-Gomont foi a possibilidade de conseguir a cidadania francesa para ele, sua esposa e seus filhos.

Já a poética da mobilidade é um “processo simbólico que evidencia a situação do viajante enquanto estrangeiro” (FOIS-BRAGA, 2017, p. 150), caracterizada pelos conceitos de terra-violência-sexualidade-linguagem, e seria uma consequência das políticas da mobilidade, visto que “uma vez em trânsito e reagindo ao dinheiro-bagagem-documentação-transporte, o indivíduo sente as ausências e presenças que o deslocamento lhe impõe, e assim se reposiciona enquanto sujeito viajante”.

No que tange à domesticação do espaço da alteridade, o local de pertencimento de Seyolo seria em seu consultório no centro da cidade, que era o símbolo e resultado de seus esforços e a realização de sua busca por uma vida melhor. Além do ambiente da casa que era um refúgio comum a todos da família, no qual eles podiam falar livremente o lingala e decorá-la com objetos que remetiam à cultura africana, construindo, assim, um pedaço do Congo na França.

A violência presente na poética da mobilidade seria em um sentido mais amplo da palavra, envolvendo não só atos físicos contra o estrangeiro, como também simbólicos, que incluem xingamentos, atitudes xenófobas, preconceitos velados e abertos e até mesmo o saudosismo (FOIS-BRAGA, 2017). Posto isso, é possível identificar a violência sofrida por Anne quando a personagem começa a sentir falta de sua casa e de seus familiares que ficaram para trás, utilizando da telefonia, que como visto anteriormente pode ser considerado como um meio de transporte, para matar suas saudades. Mais explicitamente ainda, quando as crianças mencionam os xingamentos que recebem na escola, Sivi relata: “no colégio, me chamam de negra (...) eles me chamam de escurinha”, Kamini complementa “e a mim de Coelho de Selva ou Jigaboo” (BEM-VINDO À MARLY-GOMONT, 2016, a partir 18’ 13”). Violência em seu sentido físico pode ser verificada na cena em que um morador da cidade atira em Seyolo, com o intuito de expulsá-lo de suas terras. O que corrobora com a afirmação de Bauman (2005, p. 20) de que “estar ‘longe’ significa estar com problemas”.

A sexualidade, por sua vez, envolve os comportamentos afetivos desenvolvidos pelo estrangeiro, mas que vão além das relações eróticas (FOIS-BRAGA, 2017). Identificada pelas amizades desenvolvidas ao longo da trama por Kamini e Sylvie e entre Seyolo e Jeannot que estabelecem relações de ajuda mútua e companheirismo. Como quando Kamini pede a seu pai que cure a doença de pele de Sylvie, quando Jeannot ajuda Seyolo a se integrar na comunidade e repreende a estupidez da população por rejeitá-lo. E, como ninguém se consultava com Seyolo, o mesmo estava sem condições financeiras então Jeannot emprega o amigo em sua fazenda para que ele possa sustentar sua família.

Por fim, a linguagem envolve “uma gama de negociações e incorporações que o estrangeiro realiza na sua língua a partir daquela do outro” (FOIS-BRAGA, 2017, p. 154). Representado por um jogo de palavras no filme, na cena em que Anne diz “bom dia” para as mulheres que se encontravam na porta da escola e uma delas, espantada ao ver uma negra pela primeira vez, responde “caramba”, que em francês a pronuncia se assemelha a de “bom dia”. Em razão disso, por não possuir o domínio da língua e da cultura francesa, Anne passa a desejar a todos “caramba” ao invés de “bom dia” por acreditar que esse seria o jeito certo de pronunciar. O que nos leva a questão inicial da hospitalidade, como questiona Derrida (2003, p. 15) se “devemos pedir ao estrangeiro que nos compreenda, que fale nossa língua, em todos os sentidos do termo, em todas as extensões possíveis, antes e a fim de poder acolhê-lo entre nós?”. Entretanto, como o próprio autor conclui, a partir do momento em que o estrangeiro possui total domínio da linguagem e da cultura, ele passa a ser um cidadão local.

Derrida (2003) pontua também que o estrangeiro problematiza a ordem e a autoridade do local, pelo fato de desconhecê-la. Como quando os parentes de Seyolo chegam à cidade para uma visita, fazendo

algazarra e festejando no “Dia da Memória”, que para os cidadãos de Marly-Gomont era um dia de recolhimento, silêncio e homenagem aos que morreram na Primeira Guerra Mundial.

Para que haja a aceitação da alteridade é preciso que o encontro entre estrangeiro e comunidade local se dê em um ambiente hospitaleiro. Contudo, é inevitável que existam conflitos e desentendimentos, conforme autores como Derrida (1997 *apud* Montandon, 2011) e Fois-Braga (2017), a hospitalidade incondicional, em um sentido puro da palavra não existe, estando ela sempre condicionada a algum ou alguns fatores e implicando sempre em um certo grau de hostilidade. Derrida (1997 *apud* Montandon, 2011), então sugere uma desconstrução do termo hospitalidade e que seja levado em consideração o conceito de “*hostipitalidade*”.

Para o filósofo da desconstrução, o termo *hostipitalidade* resgata o lado hostil do conflito e das ocultações presentes em um encontro, ressaltando com o conceito que a hospitalidade não pode significar somente coisas boas presentes em um relacionamento pacífico e harmonioso, mas também há nela um relacionamento conflituoso, que é mesmo necessário para que a alteridade seja percebida enquanto tal, como um outro ser em sua individualidade. Para Derrida (2003), a *hostipitalidade* seria uma dança entre hóspedes e anfitriões, cujos limites corporais (físicos, mentais e simbólicos) são respeitados pelos *pas de coté* ou invadidos através do *pas de trop*. (FOIS-BRAGA, 2017, p. 163)

Ou seja, o estranhamento e a hostilidade fazem parte da hospitalidade. Entretanto, desses podem resultar atitudes preconceituosas e xenófobas. De acordo com Rodrigues (*et al*, 1993), uma das soluções para a problemática do preconceito, são as hipóteses de contato, que consiste em aumentar a interação entre os grupos opostos, no caso os estrangeiros e a população local, afim de diminuir estereótipos e prevalecer uma interação pacífica.

No filme em questão, é possível observar a presença de tais conceitos, a partir do momento em que Seyolo desabafa com Jeannot: “de algum jeito, eu preciso ganhar a confiança das pessoas” então o agricultor responde “o que você deveria fazer seria passar um tempo com elas” (BEM-VINDO À MARLY-GOMONT, 2016, a partir de 23’ 16”). Então, Jeannot leva Seyolo para o bar da cidade, do qual ele passa a ser um cliente assíduo e a criar vínculos com os demais homens que ali frequentam. Outro ponto chave são os momentos de entretenimento, como o jogo de futebol de Sivi e a peça de teatro encenada pelas crianças, inspirada nos fatos ocorridos em Marly desde a chegada dos estrangeiros, que demonstrou que o gosto por esportes e artes são traços comuns entre todos.

Rodrigues (*et al*, 1993) ainda agregam uma condição para que a hipótese de contato realmente funcione, o estabelecimento de objetivos superiores comuns, que consiste em metas de interesse dos dois grupos, mas que só possam ser obtidas com a colaboração de ambos. Caracterizado no filme pela mobilização de moradores e estrangeiros para impedir que Lavigne ganhasse as eleições, a fim de garantir a permanência do médico na cidade.

É possível identificar no depoimento final de Kamini como se deu a acolhida de sua família após tais interações:

Nunca soube se foi nosso espetáculo que teve aquele efeito. Mas se foi, acho que é um agradecimento justo quando as crianças podem ajudar seus pais. Pouco tempo depois, as pessoas de Marly se mobilizaram. Assim vamos viver muito. Assinaram uma petição pedindo que o Dr. Seyolo Zantoko obtivesse a nacionalidade francesa, foi assim que ficamos em Marly. No dia de seu funeral, quando vi seus pacientes chegarem, foi como se tivesse dado a todos o mesmo horário de consulta. Aquela última consulta era a prova daquilo que ele sempre quis e que havia se transformado em amor. Um amor simples, que nos fazia dizer que aqui estávamos em casa. (BEM-VINDO À MARLY-GOMONT, 2016, a partir de 1h 26’ 39”)

Resgatando o conceito de violência apresentado anteriormente, Fois-Braga (2017, p. 154) afirma que “compilando todas as formas de violência, surge o medo da morte que perturba o *nóstos* do viajante, transformando em pesadelo o seu sonho de reingresso ao lar: morrer fora de casa, ou pior ainda, ser enterrado longe da casa-mãe, é a cristalização do estado de ausência [...] a certeza do não retorno”, o que inclui também o medo de que os entes queridos do estrangeiro não possam velar seu corpo. Entretanto, morrer no exterior não foi um problema para Seyolo visto que, ao conseguir a cidadania francesa, ele passa a possuir um direito de

terra e de solo no país, além das relações de amizade estabelecidas ao longo dos anos com seus pacientes e moradores de Marly-Gomont, que faz com que não haja mais um lugar para retorno, como o próprio filho diz, eles já estavam em casa. O que seria um final desejado, porém utópico e distante para a maioria dos refugiados, imigrantes e asilados que se encontram na França, devido à conjuntura política já mencionada do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário do que se esperava da globalização, cada vez mais estrangeiros e, principalmente, refugiados vêm encontrando dificuldades para ingressar e receber asilo nos mais diversos países. Era uma mundialização que prometia romper todas e quaisquer barreiras, mas que acabou levantando mais muros no que tange às pessoas que possuem seus direitos enquanto cidadãos ameaçados, ao passo que capital e produtos circulam livremente. Outro paradoxo presente em tal fenômeno é que, mesmo com toda universalização de informações, ainda possam existir atitudes xenófobas e preconceituosas.

O presente trabalho buscou, primeiramente, elucidar a figura do estrangeiro e identificá-lo como sendo o grande sujeito das mobilidades atuais e a influência e o papel da globalização. Diante do exposto foram descritas as quatro categorias do estrangeiro, com um maior enfoque na categoria de refugiados; e também foram apresentadas as mazelas que geralmente são encontradas por tais sujeitos nos países de destino.

Posteriormente, o estrangeiro foi contextualizado no cenário global de deslocamentos da atualidade, no qual a problemática da globalização voltou a ser pauta do estudo, assim como determinados acontecimentos do século XX em diante. Um ponto-chave do trabalho é o desenvolvimento do fenômeno migratório que se deu a partir da descolonização dos países do Sul e a busca por acolhida dos ex-colonos em países do Norte, devido à proximidade linguística. O contexto da França foi analisado no período referido e quanto às suas políticas de controle de imigração e de fronteiras, seus campos para refugiados, os atentados de cunho religiosos sofridos pelo país, a laicidade do Estado e atitudes preconceituosas por parte de governantes, políticos e da população em geral.

Então, os conceitos apresentados anteriormente foram reconhecidos no filme “Bem-vindo à Marly-Gomont”, como em qual categoria de estrangeiro os personagens se enquadram, a análise do contexto no qual o filme se passa e no que foi produzido, além da identificação das políticas e poéticas da mobilidade no mesmo. Por fim, foi demonstrado como se dá o processo de acolhida dentro de um ambiente de *hospitalidade* que se instaura nos espaços de encontro, e como os momentos de convivência fortalecem a aceitação da alteridade, que no caso do estudo, é o estrangeiro, o refugiado.

Vale ressaltar que o referido cenário atual francês diz respeito apenas ao período anterior à vitória de Emmanuel Macron, em meados de 2017. Macron é um político de centro e pró-Europa, com opiniões referentes às políticas de imigração e controle de fronteiras bem diferente das que foram apresentadas no filme analisado, portanto, tal análise não reflete suas posições e políticas. Há assim, uma necessidade de um novo estudo sobre os filmes que serão produzidos durante seu mandato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ACNUR. **Perguntas e Respostas**. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/informacao-geral/perguntas-e-respostas/>>. Acesso em: 30 de abril de 2017.

_____. **Refugiados**. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/>>. Acesso em: 05 de abril de 2017

_____. **Repatriação Voluntária**. Disponível em: <[http://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/solucoes-duradouras/repatriacao-voluntaria/?sword_list\[\]=exilados&no_cache=1](http://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/solucoes-duradouras/repatriacao-voluntaria/?sword_list[]=exilados&no_cache=1)>. Acesso em: 05 de junho de 2017.

AGAMBEN, Giorgio. Mais além dos direitos do homem. In: **Mezzi senza fine: notte sulla politica**. Tradução de Murilo Duarte Costa Corrêa. Torino: Bollati Boringhieri, 1998. p. 20-29.

AMADOR, Solange Monteiro. **Portugal e as Migrações: Um Estudo Introdutório Realizado com Imigrantes Brasileiros no Distrito de Lisboa**. Tese (Mestrado) - PUC-SP, São Paulo, 2006.

BARBOSA, Joelma Carmo de Melo. **Reassentamentos urbanos de imigrados palestinos no Brasil: um estudo de caso do “campo” de Brasília.** Tese (Mestrado) - PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2010.

BARRETO, Margarita. **Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos.** UCS, Caxias do Sul, v.3, n. 05, p. 133-148, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BBC BRASIL. **Ataque contra escola judaica ‘feriu toda a França’, diz Sarkozy.** Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/03/120319_toulouse_df>. Acesso em: 25 de junho de 2017.

_____. **França quer fechar campo ilegal de refugiados até o fim da semana.** Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/09/090921_selvacalais_is>. Acesso em: 25 de junho de 2017.

_____. **Itália e França pedem revisão de tratado de circulação na Europa.** Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/04/110426_franca_italia_schengen_pai>. Acesso em: 25 de junho de 2017.

_____. **Liberdade, igualdade, burquini: Como traje islâmico virou símbolo de racha na França.** Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37171474>>. Acesso em: 25 de junho de 2017.

_____. **Paris vira destino de refugiados obrigados a deixar o campo de Calais.** Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37805121>>. Acesso em 25 de junho de 2017.

_____. **Veto a burquini gera debate sobre 'secularismo extremista' na França.** Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37171471>>. Acesso em: 25 de junho de 2017.

BEM-VINDO à Marly-Gomont. Direção de Julien Rambaldi. Produção de Pauline Duhault, Oliver Delbosc e Marc Missonnier. França: E.d.i. Films, 2016. (93 min.), color. Disponível em: <<https://www.netflix.com/search?q=marly&jbv;=80123740&jbp=0&jbr=0>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

BOURDIUE, Pierre. Prefácio. In: SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: Edusp, 1998. p. 09-12.

CARTA CAPITAL. **A França dá o mau exemplo.** Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/851/a-franca-da-o-mau-exemplo-5175.html>>. Acesso em: 24 de junho de 2017.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade.** São Paulo: Editora Escuta, 2003.

DERRIDA, Jacques. Um pensamento do incondicional. In: Montandon, A. (org.) **Livro da hospitalidade – Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas.** São Paulo: Senac, 2011. p. 1001-1011.

DEUTSCHE WELLE. **França rejeita acolher mais refugiados.** Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/fran%C3%A7a-rejeita-acolher-mais-refugiados/a-19047391>>. Acesso em: 24 de junho de 2017.

FOIS-BRAGA, Humberto. **Romances de Viagem: Políticas e poéticas da mobilidade contemporânea na coleção literária Amores Expresso.** Tese (Doutorado) - UFJF, Juiz de Fora, 2017.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

INFO ESCOLA. **República Democrática do Congo.** Disponível em: <<http://www.infoescola.com/africa/republica-democratica-do-congo/>>. Acesso em: 29 de junho de 2017.

MOREIRA, Julia Bertino. **Políticas Para Refugiados nos Contextos Internacional e Brasileiro do Pós-Guerra aos dias atuais**. Anais da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Caxambu, 2008.

MOURA, Milton. **Diversidade Cultural e Democracia: Breve Reflexão sobre os Desafios da Pluralidade**. Textos e Contextos, Salvador, v.3, n. 3, 2005. p. 29-38.

NAÇÕES UNIDAS. **Agência da ONU apoia França com transferência de refugiados de campo de Calais**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia-da-onu-apoia-franca-com-transferencia-de-refugiados-de-campo-de-calais/>>. Acesso em: 25 de junho de 2017.

PORTAL VERMELHO. **Os dois Congos: escravidão e colonização**. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/231079-1>>. Acesso em: 29 de junho de 2017.

REVISTA NATIONAL GEOGRAPHIC. Rio de Janeiro: Editora Abril, Outubro de 2016.

RODRIGUES, Aroldo; *et al.* **Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Vozes Ltda., 1993.

SAID, Edward W. **Reflexões Sobre o Exílio e Outros Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

VIEIRA, Liszt. **Cidadania e globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

TURISMO, Organização Mundial do. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.